A AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

TALITA PERECIN DA SILVA COSTA

RESUMO

O presente artigo tem como fundamentação pesquisas realizadas no campo da pedagogia hospitalar. Seu foco é entender a relação estabelecida entre o pedagogo que atua no ambiente hospitalar e o educando em sua condição especial de internado, e a importância do acompanhamento pedagógico em ambientes hospitalares, elevando o nível educacional, trabalhando conteúdos adequados a condição de internação, desenvolvendo atividades que estimulem a vontade de aprender e que supram a carência da ausência de possibilidade de frequentar uma escola regular. Diante desta perspectiva entenderemos qual a função dos profissionais da educação dentro deste contexto, as características necessárias aos educadores que atuam nesta área e ainda, entender qual a importância da afetividade no desenvolvimento de atividades educacionais dentro de um hospital na perspectiva pedagógica. Serão apresentadas também sugestões de ações educativas e atividades que potencializam o aprendizado neste cenário educacional.

Palavras-Chave: Pedagogia Hospitalar; Afetividade; Atividades educacionais.

ABSTRACT

This article is based on research carried out in the field of hospital pedagogy. Its focus is to understand the relationship established between the pedagogue who works in the hospital environment and the student in his special condition of hospitalization, and the importance of pedagogical follow-up in hospital environments, raising the educational level, working with content appropriate to the condition of hospitalization, developing activities that stimulate the will to learn and that supply the lack of the possibility of attending a regular school. Given this perspective, we will understand the role of education professionals within this context, the characteristics necessary for educators who work in this area and understand the importance of affectivity in the development of educational activities within a hospital from a pedagogical perspective. Suggestions for educational actions and activities that enhance learning in this educational scenario will also be presented.

Keywords: Hospital Pedagogy; Affectivity; Educational activities.

INTRODUÇÃO

A Pedagogia hospitalar tem como foco trabalhar a aprendizagem das pessoas dentro do contexto hospitalar, busca melhorar sua qualidade de vida fazendo com que ela através das atividades escolares ali desenvolvidas possa recuperar parte de sua rotina anterior, minimizando os traumas e a dores que geralmente são consequentes dos tratamentos de doenças que exigem médios ou longos períodos de internação, e que limitam o acesso a escola regular.

A criança por si só possui em sua natureza a resiliência, o que a ajuda a recuperar se mais facilmente de seus problemas. Tendo acesso a acompanhamento pedagógico adequado sua qualidade de vida tende a melhorar, e isso não caracteriza apenas ocupação do tempo em que se encontra internada e impossibilitada de frequentar a escola, mas sim a redução dos prejuízos causados pela impossibilidade de frequentar a escola regularmente.

Através de atividades adequadas a faixa etária da criança, da ludicidade com que o trabalho é planejado o acesso continuado a atividades escolares promove o bem-estar, eleva a autoestima e a qualidade da saúde da criança em condição de internação.

As atividades que envolvem o aprender e o brincar contribuem ativamente para o desenvolvimento físico e emocional da criança.

Por meio de atendimento adequado com um mediador competente e que disponha de formação adequada, especialmente o pedagogo, a criança tende a voltar a querer se relacionar e desenvolver suas atividades cotidianas com mais força de vontade e prazer.

Essa nova visão da realidade contribui para a melhora imediata da qualidade de vida em todos os seus aspectos. Através de suas fantasias, do seu jeito de ser, da sua maneira de interagir com a realidade, externando os sentimentos que estão sendo devolvidos frente à realidade que está enfrentando.

A criança, é um ser em desenvolvimento, e mesmo doente não pode ser privada do brincar, por isso é importante que o espaço onde a criança encontra- se internada deve ser um local adaptado para o adequado atendimento escolar da criança.

Deve se atentar para a adequação do ambiente, para a oferta de materiais e espaço ajustados para que a criança possa sentir se o mais próxima possível da escola, sempre respeitando a condição de saúde da criança.

A PEDAGOGIA HOSPITALAR E SUAS ATRIBUIÇÕES

Poderá esclarecer, de forma mais ou menos sistemática, a professores, pais e administradores sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre o progresso nos processos de aprendizagem, sobre as condições psicodinâmicas da aprendizagem. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da pedagogia a identificação. Análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem (GOLBERT, 2008, p. 13).

O Pedagogo é o profissional, que trabalha o desenvolvimento das potencialidades cognitivas do indivíduo mesmo que este venha enfrentando problemas que atrapalhem o curso normal da aprendizagem. O Pedagogo tem a formação necessária para identificar e buscar alternativas para que o indivíduo possa superar essas dificuldades.

A Pedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades internas e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos. (BOSSA, 2006 p. 21).

Para Porto (2008) Pedagogo com especialização hospitalar é o mediador, de crianças, jovens e adultos que passam por processo de internações. Os Pedagogos hospitalares, utilizam os seus conhecimentos para transformar um mundo onde as pessoas se preocupam umas com as outras, a humanização nos hospitais ajuda o outro a lidar com a situação a qual está enfrentando, integrando equipes multidisciplinares, colaborando com outros profissionais, orientando seu procedimento no trato com o paciente e sua família no ambiente hospitalar.

O Pedagogo hospitalar é responsável por não permitir que o vínculo aluno escola seja quebrado, ele dá continuidade à formação escolar de crianças que passam por momentos delicados que os levam a internação, proporcionado uma atmosfera de compreensão que leva a criança a superar seus problemas e dar continuidade a sua formação escolar.

O BRINCAR NO AMBIENTE HOSPITALAR

A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais, criando condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo, o que ocorre devido às características da brincadeira: a comunicação interpessoal que ela envolve não pode ser considerada “ao pé da letra”; sua indução a uma constante negociação de regras e à transformação dos papéis assumidos pelos participantes faz com que seu enredo seja sempre imprevisível (OLIVEIRA, 2007 pg. 160).

Para os autores Mitre e Gomes (2006), Pensando que a internação hospitalar infantil pode ser uma experiência traumática, privando a criança de sua rotina, do ambiente familiar e causando grande desconforto com a dor e o medo da morte, essa situação gera uma grande mudança e confronto de sentimentos na criança mesmo que seja por um curto período de tempo, portanto é necessário que a criança tenha acesso a ferramentas as quais conheça e domine para que possa expressar de forma mais familiar os sentimentos os quais vivencia frente aquela situação.

Quando a criança se encontra internada em um hospital, sua autoestima está vulnerável, seus sentimentos extremamente abalados, embora ela ainda muitas vezes não tenha a consciência da possibilidade de morte como uma ideia clara, especialmente a criança sente muito medo da figura do médico, da injeção, da dor de uma forma geral, sente maior dificuldade de adaptar se a um ambiente diferente do qual está acostumada a dormir, toda essa mudança faz com que a criança fique emocional e fisicamente debilitada.

O homem é um ser social e em sociedade ele se insere e se determina como participante de uma comunidade. Desligar-se dessa comunidade por motivo de doença implica sair do seu mundo, o que pode vir a ser pensado pelo paciente como morrer antes de estar morto. Os dias e as noites passadas em um hospital são momentos de travessia aparentemente intermináveis para os pacientes. Ligado a tubos, fios, máquinas, perfusões, o paciente hospitalizado perde uma parte de sua mobilidade e decai submisso no desconforto de estar deitado. E mesmo se observa os passantes, tem a consciência de que são os outros que passam, ele estando parado em seu leito, como uma espécie de vitrine que se mostra inerte aos olhos curiosos, às mãos precisas, ao silêncio da dúvida.” Vasconcelos (2005 pg. 06).

É neste contexto de fragilidade é que o brincar torna se tanto ou mais importante na vida da criança, através do brinquedo e da brincadeira que a criança poderá expressar seus sentimentos, seus medos e seus hábitos externando seus receios, elaborando de forma lúdica as situações as quais teme.

Dentro de um hospital, a criança passa por momentos difíceis e vivencia situações que variam desde procedimentos simples, como punção lombar e coleta de sangue, até os mais complexos, como cirurgias e respectivos períodos pós-operatórios. Essas ações

são necessárias ao atendimento e, em certas circunstâncias, a dor da criança pode ser subtratada ou relegada a um segundo plano, deixando sequelas que refletirão em sua vida posterior (VIANA; SAKITA & POLASTRINI, 2006 pg.04).

Quando mesmo internada a criança tem acesso a itens que fazem parte de sua vida cotidiana normal, quando a ela é proporcionada a oportunidade de levar com sigo o brinquedo que mais gosta ou quando tem a oportunidade de receber no hospital atividades elaboradas pela professora, para os mais velhos a continuidade da matéria que deixou para traz no momento em que adoeceu essas medidas conduzidas por um Pedagogo hospitalar tende a minimizar o sofrimento da criança e ajudá-la a superar este momento com mais conforto emocional. Para as crianças pequenas que ainda não mantém uma rotina escolar é importante que esteja disponível no local de internação uma brinquedoteca ou ambiente equivalente onde os bebês e as crianças menores possam ter contato com o brinquedo e o brincar.

E, nesse contexto, o brincar surge como uma possibilidade de expressão de sentimentos, preferências, receios e hábitos; mediação entre o mundo familiar e situações novas ou ameaçadoras; e elaboração de experiências desconhecidas ou desagradáveis (MITRE & GOMES, 2004).

Através dessas expressões de sentimentos que os profissionais da educação que atuam no ambiente hospitalar, especialmente o Pedagogo poderão mediar a situação de conflito físico e emocional a que a criança encontra se exposta, e utilizando dessas amostras de emoções elaborarem e conduzir terapias que vão ajudar a criança a enfrentar de forma menos dolorosa a situação em questão.

O Pedagogo hospitalar é o profissional responsável por mediar o afastamento escolar da criança, é ele quem vai diminuir a distância entre a sala de aula regular e a enfermaria pediátrica, ajudando a criança a lidar com seus sentimentos e manter sua rotina escolar.

Maluf (2009), afirma que estudos comprovam a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento das potencialidades humanas nas crianças, proporcionando condições adequadas ao seu desenvolvimento físico, social, cognitivo emocional e Psicomotor.

As atividades lúdicas promovem ou restabelecem o bem-estar psicológico da criança. No contexto de desenvolvimento social da criança, tais atividades são parte do repertório infantil e integram dimensões da interação humana necessária na análise psicológica (regras, cadeias comportamentais, simulações ou faz de conta, aprendizagem observacional e modelagem) (SCHAEFER apud MALUF, 2009 pg. 22).

Especialmente na infância a possibilidade de brincar atenua o sofrimento, a partir dessa conclusão uma das formas de atenuar o sofrimento da criança é através do uso do brinquedo e da brincadeira no ambiente hospitalar.

Quando a criança se dispõe a brincar e faz uso dos brinquedos que a ela são disponibilizados, não somente a criança sente-se melhor, mas também o acompanhante que diariamente está ali vivenciando este momento de tensão. Ao observar a melhora do quadro clínico da criança o adulto acompanhante libera os medos às tensões e as ansiedades próprias do momento vivido.

Oliveira (2007) diz que a brincadeira é um recurso único para o desenvolvimento da criança por estimular o desenvolvimento dos processos psicológicos da memória e da expressão através de linguagens diferenciadas. O brincar proporciona ainda diferentes formas de representar o mundo por meio de desenhos, rabiscos e cores. Desenvolvendo formas próprias, às vezes únicas de prazer e de dividir com os outros momentos de emoção e afetividade.

A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais, criando condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo, o que ocorre devido às características da brincadeira: a comunicação interpessoal que ela envolve não pode ser considerada “ao pé da letra”; sua indução a uma constante negociação de regras e à transformação dos papéis assumidos pelos participantes faz com que seu enredo seja sempre imprevisível (OLIVEIRA 2007, pg.160).

A BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE HOSPITALAR

A brinquedoteca apresenta diversos objetivos que podem ser adequados conforme o público e a faixa etária a que se destina. Aqui serão destacados os mais adequados para o ambiente hospitalar.

A brinquedoteca no ambiente hospitalar destina se fundamentalmente a proporcionar a criança o direito de brincar mesmo em um momento em que se encontra privada de sua rotina, trazendo benefícios como:

Trabalhar o desenvolvimento integral das crianças;

Fortalecer as relações familiares, permitindo que o adulto acompanhante participe das atividades ali propostas;

Ajuda a criança a ter interesse em levantar-se para brincar (dentro de suas possibilidades). Proporcionando atividade física.

Melhora a autoestima e autoimagem.

Fornecem dados para diagnosticar conflitos emocionais e psicológicos (quando avaliado por um pedagogo hospitalar).

Promove atividades terapêuticas auxiliando no trabalho com crianças portadoras de deficiências e distúrbios diversos.

Em alas psiquiátricas e consultórios psicológicos atuando no tratamento de crianças com dificuldades comportamentais.

É no brincar, e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu." Winnicott apud Kuwahara (2004 pg. 02).

Portanto pode-se concluir que o universo infantil atua em torno do brincar, o ato de brincar é indissociável do "ser criança". O acesso a brinquedos e as brincadeiras deve ser mantido em todos os momentos da vida da criança inclusive e especialmente quando esta encontra se em um momento de dificuldade enfrentando momentos de dor e sofrimento causados por alguma doença e que exige a internação como parte do tratamento.

São noticiados casos de pessoas que nascem e por problemas de saúde passam anos de suas vidas confinadas em hospitais e mesmo assim, não deixam de estudar e formam-se mais tarde na área de escolha, esse feito dáse através do esforço e dedicação de profissionais educadores especialmente o Pedagogo hospitalar, que não permitem que a falta de oportunidade de frequentar uma escola regular se torne um empecilho para a formação daquela criança, levando o conhecimento onde ele não é regular.

O BRINQUEDO COMO TERAPIA

Castro e Almeida (2006) dizem que o brincar é comprovadamente a maior forma de expressão da criança, e quando a ela encontra se hospitalizada a utilização do brinquedo terapêutico pode fazer com que o tempo de internação se torne menos difícil e doloroso e proporciona tornando se um meio que ajuda a superar a ansiedade causada pela doença e pela permanência compulsória no hospital. Além disso, os autores afirmam ainda que a participação do adulto na brincadeira demonstra amor e interesse e reforça laços afetivos.

Os mesmos autores dizem ainda que o brincar é comprovadamente a maior forma de expressão da criança, e quando a ela encontra se hospitalizada a utilização do brinquedo terapêutico pode fazer com que o tempo de internação se torne menos difícil e doloroso e proporciona tornando se um meio que ajuda a superar a ansiedade causada pela doença e pela permanência compulsória no hospital.

Além disso, os autores afirmam ainda que a participação do adulto na brincadeira demonstra amor e interesse e reforça laços afetivos.

Quanto ao brinquedo terapêutico, os autores indicam que este serve como meio de comunicação entre o adulto e a criança, e permite a compreensão dos seus sentimentos, diminuindo a ansiedade, auxiliando o profissional de saúde a conduzir de forma mais tranquila equilibrada a terapia indicada. Este aspecto referente ao brinquedo terapêutico aplica se especialmente a crianças menores que ainda não dominam a linguagem.

Castro e Almeida (2006) afirmam que o brinquedo é uma importante ferramenta de comunicação que promove a atividade física e estimula a intelectualidade da criança.

O brinquedo traz conforto e supre as necessidades afetivas da criança, e atua como uma espécie de apoio que ajuda a equilibrar as emoções. Os autores citam algumas sugestões para crianças dentre elas:

Chocalhos;

Brinquedos de berço;

Livros com som;

Mordedores;

Objeto de apego com o qual a criança está acostumada a dormir;

Brinquedos de puxar e de formatos variados; • Mamadeira e chupeta (quando fizer uso).

E para crianças maiores (a partir de dois anos):

• Livros com suas histórias favoritas; • Desenhos animados de sua preferência; • O brinquedo a livre escolha.

O ACOMPANHAMENTO PEDAGOGICO E PSICOPEDAGOGICO DA CRIANÇA NO AMBIENTE HOSPITALAR.

A pedagogia tem como foco principal o ensino em si, busca mostrar a importância do conhecimento e elaborar métodos, selecionar materiais e formas de ministrar conteúdo para que o processo de ensino e a aprendizagem ocorram de forma eficiente. Cabe ao pedagogo também fazer com que o sujeito do processo tenha vontade e prazer em aprender.

A Pedagogia, diante das transformações da realidade econômica, política e cultural que o Brasil enfrenta, tem feito com que cada vez mais novas tarefas sejam atribuídas para o educador e para a população a quem

atende. (...) A educação, já não estava mais circunscrita aos muros da escola. Ela acontecia através da mídia, em diferentes locais como hospitais, presídios, na rua. Há de se considerar que, quando os educadores começam a educar em ambientes diversificados, a educação assume características bem peculiares, que se diferem um pouco das instituições educacionais formais, mas também conservam elementos comuns. É necessário lembrar que essas formas de educar assumem compromissos significativos com a formação de quem se educa e quem é educado. (PAULA, 2010, p. 5).

O Pedagogo hospitalar é o profissional habilitado para mediar o processo de ensino e aprendizagem dentro de instituições de saúde, incentivando a continuidade do processo de escolarização mesmo para as crianças que se encontram privadas de poder frequentar a escola de forma regular.

"A atuação Pedagógica se empenha em atender crianças com necessidades educativas especiais transitórias, ou seja, crianças que por motivo de doença precisam de atendimento escolar diferenciado e especializado". [...] Esta ideia de Pedagogia Hospitalar vem sendo absorvida pelos educadores com uma nova visão de ensinar, dando uma chance a mais aquelas crianças afastados de suas rotinas escolares em busca de saúde. [...] Colaborando com a socialização da criança/adolescente, onde a ruptura da mesma pode ocasionar graves problemas psicopatológicos. Esta nova modelagem de educação em hospitais é desenvolvida pela demanda existente nos mesmos, onde ela também possibilita auxiliar nos transtornos emocionais causados pelo ato da internação, como a raiva, insegurança, incapacidades e frustrações que podem ser reagentes negativos no processo de cura. Sob tal óptica, pondera-se que o enfermo, neste momento, entra num conflito provocado pelo próprio ambiente em si, onde ele deixa de existir como criança e torna-se paciente, sendo alvo de agressões ao seu próprio corpo, no qual está em fase de descoberta. Procura-se ressaltar que a Pedagogia Hospitalar é um processo alternativo de educação, pois ela ultrapassa os métodos tradicionais escola/aluno, buscando dentro da educação formas de auxiliar o paciente no processo de internação que a ele é imposto. (FIGHERA, 2012, pg. 2).

Cabe a este profissional entender as necessidades e condição de saúde de cada criança e dentro dessas características elaborar meios para que ela possa dar continuidade ao processo de escolarização mesmo internada, para isso poderá lançar mão de métodos próprios da formação de Pedagogia com especialização hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui se através dos estudos acima citados que a Pedagogia hospitalar é uma especialização educacional muito nobre e indispensável para auxiliar as crianças hospitalizadas a enfrentarem um momento difícil, fazendo com que não percam totalmente a caracterização de suas vidas cotidianas.

O trabalho educacional desenvolvido nas enfermarias pediátricas é o elo que liga a escola regular e o trabalho desenvolvido nos hospitais, dessa forma é importante que as administrações hospitalares se conscientizem e ofereçam a estrutura adequada tanto para as crianças, quanto para os profissionais que ali atuam.

Essa estrutura deve conter espaço privilegiado às crianças de todas as idades que são atendidas naquela determinada instituição, ambiente para os profissionais de educação, brinquedoteca e profissionais capacitados para lidar as particularidades da infância.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia. A psicopedagogia no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CUNHA, N. H. S. O valor do brincar. Artigo publicado em 2006. Disponível em www.brinqueduca.com.br. Acesso em 02 Dez. 2011.

CUNHA, N. H. S. O valor do brincar. Artigo publicado em 2006. Disponível em www.brinqueduca.com.br. Acesso em 02 Dez. 2011.

CASTRO, A. R. V.; ALMEIDA, A. P. Utilização do brinquedo terapêutico na assistência de enfermagem à clientela. In: SILVA, A. P. A. et al. Instituto da criança 30 anos: ações atuais na atenção interdisciplinar em pediatria. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.

FONTES, Rejane; VASCONCELLOS,Vera Maria. O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de wallon e vigotski. 2007. GOLBERT, Clarissa S. Considerações sobre as atividades dos profissionais em Pedagogia na Região de Porto Alegre. In: Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2008.

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. Artigo publicado em 2006. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 08 jul. 2023.

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. Artigo publicado em 2004. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 30 mai. 2023.

MALUF, A. C. M. Atividades lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MELLO, Daniella. Pedagogia hospitalar: o vínculo afetivo da criança hospitalizada com a aprendizagem. 2006. Disponível em

<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=571>. Acesso em 06 jun. 2023.

OLIVEIRA, Z. R. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, J. A enfermidade sob o olhar da criança hospitalizada. Artigo publicado em 2007. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 07 fevereiro 2016.

PORTO, Olívia. Psicopedagogia Hospitalar: intermediando a humanização na saúde. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

PAULA, E. M. A. T. A educação como proteção integral para crianças e adolescentes hospitalizados. IN: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Anais Eletrônico, Coimbra, 2010.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. A Pedagogia hospitalar para crianças e adolescentes (2005).

VIANA; SAKITA e POLASTRINI. A dor na Infância: Atualização quanto a avaliação e tratamento. 2006 pg.04.

Winnicott, D. W; Kuwahara. O brincar e a Realidade. Rio de janeiro: Imago, 2004.